

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

II SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FESPSP

**POMERANOS DE SANTA MARIA DE JETIBÁ: NÓS ENTRE OS OUTROS**

Sandra Márcia de Melo  
Doutoranda em Sociologia (IUPERJ)

*“A cultura popular é uma categoria erudita.  
Roger Chartier*

Resumo: Se uma das fronteiras identitárias entre o *nós* e os *outros* se dá pela língua, conforme Orlandi (2012), é relevante observar como os sujeitos se veem em um ambiente no qual interage com duas línguas, havendo entre estas, graus diferenciados de prestígio, de interação social, entre outros fatores. Falada em alguns municípios do Espírito Santo, Rio Grande de Sul, Santa Catarina e Roraima, a língua pomerana ilustra bem tal problemática, ultrapassando uma situação peculiar de indivíduos ou famílias bilíngues para ser uma questão municipal, a exemplo da Lei nº. 1136/2009, que versa sobre a cooficialização da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá (ES), considerada ‘a cidade mais pomerana do Brasil’. Ante a visível diminuição de descendentes falantes do pomerano, parece ser crucial a implantação de políticas para recuperar esse idioma como identidade linguística socialmente presente no cotidiano local. Neste percurso, por meio do Programa de Educação Escolar Pomerana (PROEPO), a escola pública municipal se insere como uma tábua a um naufrago, a fim de salvar o pomerano de uma provável extinção, trazendo para o cenário escolar esta língua que, até bem pouco tempo, era alvo de preconceito por alguns educadores, a maioria de deles não-pomeranos, a ponto de ridicularizar alunos falantes de pomerano recém-chegados à escola, por estes não saberem bem o português. Em meio ao desgaste gerado no passado, provocado pelo preconceito a quem falasse o pomerano, o desafio atual dos ativistas de origem pomerana constrói-se em reafirmar essa língua como uma identidade local que não pode ser perdida em Santa Maria de Jetibá além de recontar a história. A partir de entrevistas com educadores pomeranos e não pomeranos, tenta-se entender o resgate do povo pomerano, hoje espalhado pelo mundo e que não tem uma nação para chamar de sua. Assim, a reconstrução identitária dá-se de forma crescente tanto a partir do projeto educacional quanto com outros eventos culturais ressaltando essa etnia e sua importância na região serrana do Espírito Santo, através da *Pomerish Fest*, que está na sua 24ª. Edição.

Palavras-chave: Identidade - Língua – Pomerano – Escola – Santa Maria de Jetibá – PROEPO.

Língua materna de considerável população em alguns municípios do Brasil, a língua pomerana traz à discussão um tema instigante, se observado nos contextos sociológicos e linguísticos. Mas é certo também seu envolvimento político-cultural. Assim, falar sobre pomerano torna-se instigante para a pesquisa acadêmica, além dos próprios descendentes dessa etnia, dos falantes da língua e os não falantes também, pois é importante o debate, pois ele auxilia os gestores e as comunidades envolvidas nesse processo.

Ainda pouco explorado, a discussão sobre a etnia, entre ou outras matérias de interesse pomeranos, tem se delimitado praticamente na esfera dos próprios descendentes, além do espaço a eles dedicado na mídia ser em torno de características ligadas a traços culturais e étnicos, como se os pomeranos vivessem num outro sistema que não o do dia a dia como o das demais pessoas. Em artigo de Tressmann e Bahia (1999), é chamada a atenção para pautas jornalísticas em torno desses assuntos: como são suas características físicas, sua alimentação, aparentemente baseada no brote<sup>1</sup>, seu modo de viver como o de seus antepassados, e daí por diante. Parece que o tempo parou, mas não, os pomeranos têm se organizado para trazer sua identidade, deixada no esquecimento, forçosamente.

---

<sup>1</sup> Brote – pão de milho tradicional pomerano, introduzido na culinária espírito-santense. Originalmente era feito com trigo, de difícil cultivo na região de serra do Espírito Santo ocupada pelos pomeranos ao chegarem ao Brasil, quando foram obrigados a substituir o principal ingrediente.

## Mapa do Ducado da Pomerânia – Século XVII



Fonte: [wikimedia.org/wiki/File:Pomeraniae\\_Ducatus\\_Tabula.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pomeraniae_Ducatus_Tabula.jpg)

A Pomerânia, cujo nome “...faz referência à sua localização junto ao mar...”<sup>2</sup>, foi um Estado localizado às margens do Mar Báltico, tendo seu território atualmente dividido entre a Alemanha, a Polônia (a maior parte), e os países escandinavos (Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia).

Região atormentada por diversas disputas político-religiosas desde a época das Cruzadas, sua população caracterizava-se por camponeses, espalhados num espaço geográfico continuamente vulnerável ao domínio de invasores, com o objetivo de ter acesso ao mar. Por isso, sua fragilidade econômico-política ante “constantes divisões por meio das heranças na sucessão feudal”<sup>3</sup>. Ao longo dos séculos, então, essas terras foram avassaladoramente conquistadas pelas mais diversas outras etnias, por conta dessas consecutivas guerras.

Anteriormente à unificação da Alemanha, que ficou sob o domínio da Prússia (século XIX), houve uma expressiva imigração das populações que ocupavam as regiões abrangidas por essa nova divisão. Entre esses imigrantes, os pomeranos constituíam um grande número, pois estavam sendo massacrados pelos novos

<sup>2</sup> Seibel, Ivan. Imigrante no século do isolamento: 1870-1970. São Leopoldo : 2010.

<sup>3</sup> Idem.

colonizadores que ocuparam o local; colonizadores esses formados por uma burguesia que os faziam passar pelos mesmos percalços da época feudal, onde estavam obrigados a trabalhar sob pena de pagamentos elevadíssimos para utilizar as terras que outrora foram suas.

Mapa, hoje, do que foi a Pomerânia

Fonte: autoria de Krzysztoflew. A Pomerânia atualmente, na Alemanha (esquerda) e Polônia (direita).

Coincidentemente, nessa mesma época, o comércio escravo, principalmente de africanos, já era proibido. Maria Hilda Baqueiro Paraiso, em excelente artigo, descreve o período:

É também um período de profundas mudanças na paisagem econômica do Império, por ser um momento de crise do sistema sócio-econômico, o qual se refletia nas idéias e se evidenciava na discussão sobre as propostas programáticas do Estado. Essa crise manifestava-se nos setores de abastecimento, na carestia dos gêneros alimentícios e na perda de importância do açúcar na pauta das exportações, enquanto o café se mostrava em ascensão, pressupondo alterações na representatividade política das elites econômicas nos quadros governamentais com a crescente exigência de participação dos novos representantes dos produtores de café. E a principal reivindicação dessa nova elite econômica era a regularização fundiária de suas propriedades, que não haviam sido constituídas tendo por base o antigo sistema sesmarial, predominante nas demais regiões. Outras exigências eram a abolição gradual do



trabalho escravo e a modernização dos sistemas financeiro, fiscal, administrativo e político. (PARAISO : 1999)

Dessa forma, o governo imperial brasileiro propagou na Europa a possibilidade de doar terras prósperas no solo tropical. Então, para esse povo massacrado, “seria uma

tentativa de compensar todas as dificuldades deixadas para trás, em uma Europa destruída pelas guerras e molestada pelo desemprego e pela fome”. (Seibel : 2010)

Em especial, o Espírito Santo, nessa época, ainda se constituía por uma Capitania atrasada, mas com terras propícias ao plantio do café.<sup>4</sup>

Há uma grande divergência entre os autores que contam a historiografia do pomeranos no Brasil, com relação à data das chegadas deles ao território.<sup>5</sup> Muitos desse povo chegaram ao país sob identificação alemã e prussiana, pois embarcavam em navios que provavelmente não checava qualquer procedência, o que, de certa forma, os protegia, considerando o regime escravocrático ao qual eles estavam submetidos ante alemães e prussianos. Assim, chegaram aos portos nacionais – primeiramente em São Paulo, depois Espírito Santo – e eram distribuídos ao que hoje corresponde aos estados do próprio Espírito Santo, ao Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Somente depois ocorreu migração interna, fazendo-os povoar Minas Gerais e Roraima, atrás de outras terras produtivas.

No Espírito Santo, as terras deixadas para a “invasão” dos pomeranos, juntamente com outras etnias – italianos, tirolezes, holandeses, poloneses, e outras – eram terras pouco propícias, “porque desprezadas pelos luso-brasileiros, e desprezadas porque inacessíveis...”<sup>6</sup>, pois estavam localizadas na serra capixaba e eram praticamente compostas de mata nativa, além de um clima completamente antagônico ao da Europa, o que requereu trabalho árduo e difícil adaptação.

Mas os pomeranos, constituídos por uma população agropastoril e camponesa, e com pouca instrução, foram sendo acomodados em terras onde já se encontravam, geralmente, pastores alemães, que lhes instalavam junto as suas moradas, e também à igreja. Somadas a todas essas situações adversas, tinha-se a língua. Nos cultos, os sermões aconteciam em língua alemã, à qual foram obrigados ao entendimento, pois a leitura da bíblia era nesse idioma; e também o convívio com os falantes de língua portuguesa. Portanto, isolados, estavam em ambiente completamente adverso, o que, parece, os fez cada vez mais ser um povo introspectivo, em virtude da dificuldade de

---

<sup>4</sup> De acordo com Jean Roche, em seu livro *A colonização alemã no Espírito Santo*, “o Espírito Santo foi durante uma centena de anos o terceiro produtor do Brasil, depois de São Paulo e Minas Gerais, sendo, porém, depois de 1945 ultrapassado pelo Paraná.”

<sup>5</sup> Alguns autores datam como sendo 1853, outros 1854, além de diversas outros anos, que vão de 1856 a 1859, considerando os registros por eles pesquisados serem falhos nesse sentido.

<sup>6</sup> Roche, Jean. *A colonização alemã no Espírito Santo*, 1968.

comunicação em outros idiomas. A partir desse breve histórico, que requer muito mais pesquisa, acredita-se ter nascido a pecha deles serem bichos-do-mato, fechados e esquisitos.

Durante muitas décadas, eles continuaram mantendo sua cultura, paralelamente às demais aqui adotadas. E somente a partir de tempos recentes deu-se início a um processo de resgate identitário da etnia pomerana, por meio de um trabalho bastante significativo sob a ótica sociolinguística, até então sendo exercido, ao que parecia, de forma marginal e subalterna. E a língua cumpria, ali, esse papel central, apenas de forma oral.

Traçando um paralelo com o texto de Eni Orlandi (2012), intitulado *Mosaico de falas: muitos pontos de vista e de fuga*, em seus estudos ela relata que “as palavras não significam por si, mas pelas pessoas que as falam, ou pela posição que ocupam os que as falam.” (Orlandi, p. 125-126)

Nesse maravilhoso artigo, a autora faz o leitor pensar temas sobre a identidade que é construída a partir de fatores históricos produzidos por esse próprio grupo. Segue ela:

Faz parte de quem pensa (ou deseja) a transformação social, a idealização da sociedade: assim, a gente pretende que ela resulte da estima que cada um tem por si e da dignidade que atribui ao outro. Quando se vê as coisas desse ponto de vista, a felicidade não é propriamente um negócio administrativo, mas é, em grande maioria, uma questão do Estado. (ORLANDI, p. 127-128)

Parece, portanto, que esse foi o mote encontrado pelos pomeranos do estado do Espírito Santo, em especial os de Santa Maria de Jetibá.

A cidade espírito-santense, foi levada à categoria de município em 1988, e instalado em 1º de janeiro do ano seguinte, após ser desmembrado do município de Santa Leopoldina, possuindo, além do distrito sede, Santa Maria de Jetibá, mais um denominado Garrafão. Pelos dados do último recenseamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, a sua população é de cerca de 34,1 mil habitantes, sendo que mais da metade (65%) está na área rural do município, que tem como área total 735,6Km<sup>2</sup>. Essa informação é importante se analisada sob o ponto de vista sociológico. Por estar esse grupo sedimentado num território com tais características, é de se entender que ele tiveram muito mais facilidade em perpetuar e transmitir suas tradições, apesar do contato com todos os meios comunicacionais estão à sua disposição.

De acordo com umas das primeiras entrevistas realizadas em Santa Maria de Jetibá, foi observado o trauma ao qual essa etnia foi submetida durante longo tempo. A diretora da Escola Municipal Antônio Gonçalves, Marineuza Plaster Waiandt<sup>7</sup>, relata um bom exemplo:

Eu fui para a Escola e como eu era muito tímida eu não me relacionava bem com meus colegas, que eram todos descendentes de italiano, eu era a única pomerana, e eu falava português com um sotaque muito forte. Então, eu era motivo de chacota dos meus colegas; eles riam de mim, me imitavam, riam da minha merenda, típica pomerana, que eu levava para a escola, e eu me isolava cada vez mais. E nem mesmo a minha professora conseguiu perceber isso dentro da sala de aula, que ela também me deixou de lado. Eu era alfabetizada, mas meu pai me alfabetizou escrevendo com um graveto no meio da areia, não foi num caderno. Então, quando eu fui escrever num caderno, eu não conseguia reproduzir as palavras da forma que a minha professora queria. E ela não percebia que eu já sabia ler; ela não percebeu isso durante meses. Ela só se deu conta disso quando nós recebemos a visita de alguém de fora, hoje que eu acredito que deva ter sido uma pedagoga, uma supervisora. Ela [a pessoa de fora] veio para a Escola para fazer uma visita e ela perguntou que se habilitava a ler. E eu fui a primeira pessoa a levantar a mão, dizendo que eu queria ler. A minha professora quase desmaiou, porque ela não sabia que eu sabia ler. E ela deve ter tomado um susto muito grande 'como alguém do fundo da sala, de repente, expressa o desejo de ler'. A pessoa, então, me convidou para vir na frente da turma e me deu um livro e eu li. Li com a entonação, com o ritmo que a minha professora não tinha conseguido fazer os outros colegas lerem ainda. E eu fui muito parabenizada. E a partir daquele dia a relação da professora para comigo mudou; e também dos meus colegas, que eles perceberam que eu não era o patinho feio que estava no fundo da sala porque era pomerana e não sabia das coisas; eu tinha muito a contribuir com a minha turma. E a partir daquele dali mudou a concepção que ela tinha também dos meus primos, que eram pomeranos e que estavam em outras séries, né? Nós tínhamos uma professora, mas ela trabalhava o dia todo. Então, turma da manhã era primeira e segunda série, turma da tarde terceira e quarta série. Também a relação que ela tinha com meus primos a partir daquele dia mudou, porque ela percebeu que pelo fato da gente não falar o português corretamente, falar com sotaque, não impedia a gente de ser alguém competente dentro da sala de aula.(WAIANDT, 2013)

Tal passagem remonta ao fato da insensibilidade que acontece nas sociedade em torno das diferenças. Então, os grupos se organizam como forma de resistência, surgindo daí porta-vozes.

Pela luta dessa personagem, e diante de suas exposições iniciais, e após a ratificação das informações junto a outros atores, percebeu-se que ela foi a primeira

---

<sup>7</sup> Entrevista de Marineuza Plaster Waiandt, realizada na Escola Municipal Antônio Gonçalves, localizada no dia 02 de maio de 2013, em Santa Maria Jetibá.



pomerana a lutar pela legalidade de sua língua, pois era professora e convivia no dia a dia com as dificuldades de comunicação daqueles alunos que para ela chegavam com sua língua materna, o pomerano. Isso a fez escrever um esboço do que hoje se constitui num projeto para explicar essa diáspora.

Assim nasceu o Programa de Educação Escolar Pomerana – PROEPO. O Programa pretende dar conta do déficit deixado sob esses pomeranos santa-marienses jogados à margem durante décadas, e que foram marcados pela negação e pelo silêncio por parte do Estado, tanto na esfera internacional, quanto nacional e local. No primeiro caso, por parte dos consulados e embaixada alemães, que pouca importância deram aos pomeranos, desde sua emigração daquela região, como pôde ser percebido na entrevista concedida por Thea Schünemann Miranda, em 27 de setembro de 2013<sup>8</sup>, quando relatou memórias do irmão de seu pai, já falecido, e um interessado no resgate de seus antepassados. O mesmo descaso, ao que tudo indica nas pesquisas ora em andamento, ocorreu de parte dos governos brasileiros; inicialmente porque deixou não só os pomeranos mas todos os imigrantes, entregues à própria sorte, ou melhor, às pressões dos exploradores, sem dar-lhes assistência satisfatória, depois porque preocuparam-se em somente cobrá-los dos seus deveres. Por fim, localmente, que sempre estão mantendo uma disputa identitária com os alemães, em especial no tocante ao idioma, considerado por muitos como “alemão baixo”, ou um dialeto alemão.

O PROEPO nasceu num espaço de disputas multiculturais, e está presente em mais quatro municípios além de Santa Maria de Jetibá, cujo objetivo é articular a língua pomerana entre a escola e a sociedade santa-mariense, sem se restringir apenas ao âmbito pedagógico. O Programa, que começou sua implementação no ano de 2003, em conjunto com os municípios de Domingos Martins, Laranja da Terra, Pancas e Vila Pavão, já originou desdobramentos no âmbito político, com a decretação de leis de cooficialização em todas essas cinco cidades, conforme demonstrado no quadro a seguir.

Municípios espírito-santenses que possuem a oficialização do idioma pomerano como segunda língua

Município/Unidade da Federação	Ato
Pancas	Ato: Lei nº 987, de 27 de julho de 2007 Cooficialização do Pomerano no município de Pancas
	Ato: Lei nº 510, de 27 de junho de 2008

<sup>8</sup> Thea Schünemann Miranda, filha de descendente de pomerano por parte de pai, é diretora do Baukurs Curso de Alemão e Centro Cultural, no Rio de Janeiro.



Laranja da Terra	Dispõe sobre a cooficialização da língua pomerana no município de Laranja da Terra
Vila Pavão	Ato: Lei nº 671, de 11 novembro de 2009 Dispõe sobre a cooficialização da língua pomerana no município de Vila Pavão
Santa Maria de Jetibá	Ato: Lei nº 1136, de 07 de julho de 2009 Cooficializa a língua Pomerana no município de Santa Maria de Jetibá
Domingos Martins	Ato: Lei nº 2.356, de 10 de outubro de 2011 Dispõe sobre a cooficialização da língua pomerana no município de Domingos Martins

Fonte: páginas oficiais dos governos municipais – out/2013

Portanto, essa é uma luta que tem sido tratada de forma singular, pois até bem pouco tempo só se tinha conhecimento da cooficialização das línguas indígenas *Nheengatu*, *Tukano* e *Baniwa*, na região de São Gabriel da Cachoeira. Lei municipal número 145, aprovada no dia 22/11/2002, pela Câmara Municipal de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas.

Note-se que essa afirmação atualmente em processo, através da língua, do idioma pomerano, transcende os direitos dessa identidade de um povo que já não tem mais seu território, de acordo com documento de uma das apresentações do PROEPO:

Os pomeranos de Santa Maria de Jetibá não são totalmente desligados de suas raízes da antiga Pomerânia, pois têm mantido vivo no exílio um forte senso do que é a “terra de origem” e tentado preservar uma “identidade cultural pomerana”. Atualmente, o município é considerado o mais pomerano do Brasil e um dos núcleos mais populosos do povo pomerano no mundo. Hoje, muitos afirmam ser aqui a nova Pomerânia. (HARTUWIG et al : 2012)

Esse discurso, essa fala do grupo, da comunidade pomerana, “traz consigo uma ambiguidade”; ao mesmo tempo em que ele se organiza mostra a forma de resistência desse grupo. “É uma questão da relação que se estabelece com esses discursos: relação que pode ser tanto subserviência quanto de soberania” (ORLANDI, p.130-131) NesSe caso, parece ser o segundo.

Para que essa cooficialização do idioma pomerano se efetivasse no município de Santa Maria de Jetibá, outras ações parece terem sido coordenadas. Embora chame a atenção para si de um movimento que deve ser contido pelos não pomeranos santamarienses, a construção desse discurso toma conta hoje, da pauta da cidade.

No sentido cultural, tal deslocamento ocorreu há mais tempo, visto que há 24 anos é realizada a *Pommer Fest*, com a apresentação do casamento típico pomerano, suas danças com grupos culturais, seus costumes, enfim, trazendo ao imaginário um povo e sua história.

Ao apresentar este artigo com uma frase de Roger Chartier, o propósito é trazer alguns significados. Ao começar o seu texto *“Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico*, ele traz à reflexão conceitos bastante discutidos sobre o que é popular e o que é erudito. Popular, no dicionário Houaiss, significa *“relativo ou pertencente ao povo; feito pelas pessoas simples, sem muita instrução; relativo às pessoas como um todo, esp. aos cidadãos de um país qualificados para participar de uma eleição; encarado com aprovação ou afeto pelo público em geral; dirigido às massas consumidoras; ao alcance dos não ricos; barato.”* Erudito, então, é definido: *“que ou que tem ou releve erudição.”* O gramático e lexicógrafo Luiz Antonio Sacconi define popular como *“apreciado ou aprovado por larga parcela da população; frequentado por grande número de pessoas; acessível ao orçamento da grande parte da população; que se origina entre o povo; homem comum, do povo, anônimo”*. Em oposição, erudito é assim descrito pelo mesmo estudioso: *“que ou aquele que tem erudição ou grande cultura geral, adquirida pelo estudo em livros”*. Portanto, é de se observar que o termo *popular* precisa ser bem explicadinho em todos os seus contornos linguísticos. O erudito não requer o mesmo; é um termo *superior*, sendo sua forma histórica datada de 1616 (século XVII), de acordo com o Dicionário Houaiss. Pois nesse período em que essa cultura popular efervescia, a Igreja conjuntamente com a nobreza, de forma absolutista, trataram de demarcar esses espaços no imaginário e na forma de agir e pensar do povo.

Os pomeranos, então, foram oprimidos por essa Reforma protestante e católica, sendo obrigados à sujeição de novos rituais, além de terem sua cultura considerada menor. Para eles, o que foi considerado como cultura popular era em verdade suas tradições e costumes históricos. E, como descreve Chartier *“o destino historiográfico da cultura popular é portanto, ser sempre abafada, recalçada, arrasada, e ao mesmo tempo, sempre renascer das cinzas.”* (CHARTIER, p. 181) E é esse movimento que os pomeranos vêm fazendo, não somente, mas principalmente com o apoio do PROEPO, iniciado com um discurso bastante pedagógico, mas que passados já sete anos desde sua primeira implementação, atualmente vem levantando uma bandeira de certa forma de cobrança junto aos atores investidos nas definições das políticas públicas, no sentido de que sejam ouvidos, respeitados e possam ter seu lugar reconhecido na

sociedade espírito-santense, em especial os pomeranos do município de Santa Maria de Jetibá.

A Lei n. 1136/2009, emitida pela Prefeitura de Santa Maria de Jetibá, que outorgou o idioma pomerano naquele município preconiza:

- Art. 2º.** *A co-oficialização da língua pomerana obriga o município a:*
- I – manter os atendimentos ao público, nos órgãos da administração municipal, na língua oficial e na língua co-oficializada;*
  - II – produzir a documentação pública, as campanhas publicitárias, institucionais, os avisos, as placas indicativas de ruas, praças e prédios públicos e as comunicações de interesse público, na língua oficial e na língua co-oficializada;*
  - III – incentivar o aprendizado e o uso da língua pomerana, nas escolas e nos meios de comunicação.*
- Art. 3º.** *São válidos e eficazes, todos os atos da administração pública, editados na língua pomerana.*
- Art. 4º.** *O uso da língua pomerana não será motivo de discriminação, no exercício dos direitos de cidadania, assegurados pela Constituição Federal.*
- Art. 5º.** *As pessoas jurídicas estabelecidas no município de Santa Maria de Jetibá deverão adotar atendimento e mensagens ao público, no idioma oficial e naquele co-oficializado por esta Lei.*<sup>9</sup>

Esse documento, deposita sobre a mesa comunitária, uma discussão que, mais uma vez Chartier deve ser aqui comentado. Afirma ele que “nem a cultura de massa do nosso tempo, nem a cultura imposta pelos antigos poderes foram capazes de reduzir as identidades singulares ou as práticas enraizadas que lhes resistiram.” (CHARTIER, p. 182). Por conseguinte, parece que os não pomeranos devem negociar melhor com esses descendentes, pois eles colocaram em pauta uma discussão não somente limitada a língua pomerana. Nessa negociação, não é só a língua o cerne da disputa de um povo ausente de referência espacial de seu Estado-nação – a Pomerânia, senão os mapas históricos, como apresentado neste artigo. Esse embate étnico-identitário, portanto, requer um estudo mais aprofundado para ser sociologicamente avaliado.

## Bibliografia

CHARTIER, Roger. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro : FGV, vol. 8, nº 16, 1995, p. 179-192.  
HARTUWIG, Adriana; BERGER, Luiza; THOM, Maria; KÜSTER, Síntia. *Políticas Públicas de reafirmação identitária em comunidades pomeranas do Espírito Santo*.

---

<sup>9</sup> <http://www.ipol.org.br>. Acesso realizado em 09/10/2011, às 21h59min.

Artigo apresentado no V Congresso do Conselho Nacional de Secretários de Estado de Administração, junho 2012.

ORLANDI, Eni. *Discurso e Leitura*. 9ª. Ed. São Paulo : Cortez, 2012.

Paraiso, Maria Hilda Baqueiro. Imigrantes europeus e índios: duas soluções para a questão da substituição da mão-de-obra escrava africana no Brasil na década de 1850. In: *Inquice: Revista de cultura*, n. 1, nov/dez1999. Disponível em <http://www.inquice.ufba.br>.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã no Espírito Santo*. São Paulo : Difusão Europeia do Livro/Editora Universidade de São Paulo, 1968.

SEIBEL, Ivan. *O imigrante no século do isolamento: 1870-1970*. São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

SEYFERTH, G. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico*. Coleção Documentos Brasileiros, v. 5. Rio Grande do Sul: Editora Movimento/Sociedade Amigos de Brusque, 1974.

TRESSMANN, Ismael; BAHIA, Joana. *A Pomerânia é aqui ou "Vinho Novo em garrafa velha, Vinho Velho em garrafa nova "*. Artigo, 1999. Disponível em [www.farese.edu.br/artigos/pdf](http://www.farese.edu.br/artigos/pdf).